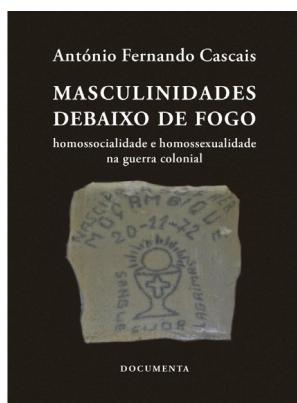


MASCULINIDADE E HOMOSSEXUALIDADE SOB O FOGO DAS GUERRAS COLONIAIS

***MASCULINITY AND HOMOSEXUALITY
UNDER THE FIRE OF COLONIAL WARS***

Helder Thiago Maia¹



Professor recentemente aposentado pela Universidade Nova de Lisboa, e nome de referência dos estudos *queer* em Portugal, António Fernando Cascais publicou, no último ano, três importantes livros, frutos maduros de pesquisas desenvolvidas ao longo de sua carreira universitária: **Dissidências e resistências homossexuais no século XX português** (2024), que analisa as perseguições judiciais e médicas promovidas pelo Estado português contra dissidentes sexuais, bem como as ações e práticas de resistência destes,

desde a segunda metade do século XIX ao período mais imediato do pós-25 de abril; **Estar Além: a persona queer de António Variações** (2025), que faz uma reavaliação *queer* da obra do cantor e de seu impacto na cultura portuguesa; e **Masculinidades debaixo de fogo: homossocialidade e homossexualidade na guerra colonial** (2025), que investiga as relações entre homossexualidades e guerras de libertação africanas. Obras de grande fôlego investigativo, encontramos, em todas elas, análises que são simultaneamente generosas, profundamente críticas e bastante exaustivas.

Em **Masculinidades debaixo de fogo**, a generosidade refere-se não apenas ao trabalho cuidadoso do autor em apontar exaustivamente as fontes com as quais dialoga (assim como aquelas com as quais não dialoga), para que o leitor possa percorrer o mesmo caminho crítico-analítico, mas também às oportunidades que abre para novas investigações. Neste mais recente livro, por exemplo, apesar de centrar as suas análises em obras literárias e

cinematográficas portuguesas — o que explica a escolha de “guerra colonial” para o subtítulo, ao invés de “guerras de libertação” —, generosamente, não deixa de apontar, e também analisar, ainda que mais brevemente, obras das literaturas africanas de língua portuguesa que abordam o mesmo tema.

Com esse gesto, Cascais não só contribui com um caminho ainda pouquíssimo explorado nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa, como também constrói um arquivo afrocentrado sobre homossexualidades e guerras de libertação à espera de novas investigações. Como sugere o autor, obras de autores africanos “levantam o véu sobre a homossexualidade entre os africanos no contexto colonial português e da guerra de libertação, desde os seus primórdios até aos derradeiros dias” (Cascais, 2025b, p. 226).

A notável capacidade crítica do livro, por sua vez, diz respeito não só às análises das obras e da cultura portuguesa, mas também a uma perspectiva que considera e dialoga com os movimentos sociais, especialmente o associativismo LGBTQI+, sem, no entanto, se subordinar nem modular sua criticidade em função de interesses de projetos (supostamente) emancipatórios. Como argumenta Cascais (2025b, p. 11) “gostaríamos de ser lidos e compreendidos, na linha defendida a seu tempo por Michel Foucault, que dizia reflectir e escrever tendo em conta o movimento, mas não *para* o movimento”.

Essa mesma perspectiva pode ser percebida quando o autor, a partir do diálogo com Rhaul Rao (2020), aponta para a tendência homoromântica de investigadores *queer*, assim como de estudiosos pós-coloniais, na análise da África pré-colonial. Sem relativizar a violência e a barbárie do colonialismo, ambos os autores apontam, no entanto, para a instrumentalização desses arquivos a partir de projetos emancipatórios que raramente questionam as opressões específicas de algumas sociedades africanas, o que mantém imperturbável a violência de algumas tradições, como podemos ver nos dois trechos a seguir:

investigadores queer que pretendem desmontar a exogenia com uma argumentação que ele [Rao] qualifica de homoromântica, a saber, que infere irreflectidamente das abundantes provas históricas da existência de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo em contextos pré-coloniais africanos (assim como em não-europeus em geral) uma real aceitação ou, pelo menos, tolerância daquilo que modernamente entendemos por homossexualidade [...] gostaríamos de observar que frequentemente se negligencia o facto de o indispensável cuidado de respeitar a identidade cultural, étnica e religiosa dos antigos povos colonizados não-ocidentais, com a concomitante defesa das respectivas especificidades e idiossincrasias, em nada pode autorizar a incluir nelas, relativizando-as, as opressões particulares que essas sociedades também praticam ao abrigo das suas tradições. [...] Este acontecimento histórico, que não

nos cabe aqui esmiuçar, vai no sentido de refutar a tese da exogenia da homossexualidade em África, mas precisamente na mesma medida em que problematiza o homoromantismo segundo o qual a era pré-colonial seria um paraíso de tolerância (Cascais, 2025b, p. 230-232).

Todas revelam o (que há muito deveria ser tido por) óbvio: que os seres humanos sempre se relacionaram entre si de todas as formas e feitos; que não há sociedades que não tenham regulado os relacionamentos dos seus membros, ainda que de maneiras radicalmente diversas e incompreensíveis para as demais; mas que do contacto colonial resultou de imediato a aplicação de categorias, noções e valores ocidentais aos fenômenos observados por conquistadores, colonos e missionários, que descortinavam sodomia (outrora) e homossexualidade (após a modernidade), lá onde os povos não-ocidentais não se concebiam nem se organizavam contar nomes e critérios, para eles ininteligíveis e inúteis. O que de modo nenhum implica que não recorressem a formas de regulação, por vezes e de outro modo extremamente violentas, mas regidas por incomensuráveis partilhas [...] que em nada coincidem com o exclusivamente ocidental natural/contranatura (da filosofia cristã) ou normal/patológico (da ciência moderna) (Cascais, 2025b, p. 205).

Como podemos perceber, engana-se quem pensa que esta obra aborda apenas a temporalidade das guerras de libertação, ou, quiçá, o período imediatamente anterior ou posterior à guerra. Ao contrário, o texto recua ao pré-colonial, com análises muito precisas de alguns arquivos coloniais, assim como também avança ao presente para rediscutir pesquisas *queer* e/ou pós-coloniais que também abordam as homossexualidades em África. Nesse caminho, a obra analisa as comunidades homossexuais que existiram em Moçambique e Angola durante o período colonial, bem como as relações destas comunidades com o atual movimento LGBTQI+ dos dois países (Cascais, 2025, p. 192), como também aborda a homofobia generalizada tanto dos movimentos de libertação, como a FRELIMO (Cascais, 2025, p. 214), quanto das Forças Armadas e da sociedade portuguesa, inclusive no pós-25 de abril (Cascais, 2025, p. 281-283). Ademais, problematiza também a tese da exogenia da homossexualidade africana (Cascais, 2025, p. 219), e investiga as possíveis causas da atual homofobia de alguns Estados africanos, especialmente Uganda (Cascais, 2025, p. 232-233).

Poucos temas escapam ao escrutínio crítico do autor, e nessa perspectiva a própria crítica literária e o campo dos estudos de gênero e sexualidade em Portugal, assim como os estudos pós-coloniais, são reavaliados. A partir destas análises, Cascais destaca a homofobia presente em parte significativa da crítica literária portuguesa (Cascais, 2025, p. 20-21) e o ca-

ráter ainda incipiente dos estudos de gênero e sexualidade em Portugal na abordagem do colonialismo (Cascais, 2025, p. 221), assim como expõe as dificuldades, ou mesmo os silêncios, dos estudos pós-coloniais na abordagem e análise de dissidentes sexuais. Como resume o autor:

em Portugal, o cruzamento entre os estudos pós-coloniais e os estudos gay, lésbicos e queer tem partido exclusivamente do lado destes, como é o caso das políticas queer da pós-colonialidade [...] É no seio destes que se tem praticado não só a desconstrução dos estereótipos e enviesamentos que noutras áreas distorcem a abordagem das homossexualidades, como as abordagens mais correctas e produtivas das questões de género e da sexualidade que os estudos pós-coloniais tendem a esquematizar de forma ainda consideravelmente reducionista e simplista (Cascais, 2025, p. 224).

Esse conjunto amplo de questões e nuances em torno das homossexualidades, entre avanços e recuos temporais, o pré-colonial e o presente, e espaciais, Portugal e as antigas colônias africanas, é o que chamamos inicialmente de uma análise “bastante exaustiva”. No melhor sentido que a expressão possa ter, e talvez por isso fosse mais conveniente substituí-la por maravilhosamente exaustiva, engana-se, novamente, quem imagina, a partir do título, que a obra aborda “apenas” as relações entre masculinidades, homossociabilidades, homossexualidades e guerras coloniais, tarefa que, por si só, já seria exaustiva, devido aos deslocamentos temporais e espaciais. Na verdade, em **Masculinidades debaixo de fogo** encontramos uma teorização muito profunda sobre as masculinidades em particular, mas também sobre gênero e sexualidade de forma mais geral, que vai dialogar, questionar e rearticular os principais teóricos e teóricas do campo das masculinidades, ao mesmo tempo em que enfrenta dilemas muito atuais dos estudos de gênero e sexualidade e/ou pós-coloniais, como lugar de fala, interseccionalidade, a suposta universalidade do patriarcado, as possibilidades de fala da subalterna, etc.

Há nesta obra uma teorização crítica e propositiva, e igualmente exaustiva, sobre masculinidades que extrapola a temporalidade das guerras de libertação e as espacialidades “lusófonas”. As masculinidades, portanto, não são entendidas como um pressuposto, ou ponto de partida, para se pensar as guerras de libertação, pelo contrário, as masculinidades são um ponto de teorização e de rearticulação teórica, em que nada é tomado como premissa. Por isso, é possível desconhecer por completo o campo das masculinidades antes de se aventurar na leitura deste livro, mas é impossível sair dele sem um conhecimento amplo e exaustivo. A obra, portanto, serve tanto ao acadêmico já familiarizado com o campo quanto ao leitor em geral, visto que o autor não pressupõe um conhecimento prévio do tema.

Nessa mesma perspectiva de abrangência e esgotamento, Cascais discute a guerra colonial, que, longe de ser percebida como um paraíso da virilidade, é entendida como um palco privilegiado das fragilidades da

condição masculina, assim como analisa a homossociabilidade, e alguns rituais homoeróticos, que servem, antes de tudo, à reafirmação da identidade heterossexual dos militares portugueses, como resume o autor:

é tese nossa que não há um *continuum* entre homossocialidade e homossexualidade masculinas, ao contrário do *continuum* lésbico, mas ruptura nos homens, a homossocialidade exclui a (homo)sexualidade como via para a redução de um igual à posição de submisso, como redução à passividade (Cascais, 2025, p. 123).

Isto posto, a tese final da investigação é que a homossexualidade se constitui como um tropo saturado de sentidos, cujas potencialidades podem servir como categoria interpretativa da história, da cultura e da sociedade portuguesa do século XX, especialmente da guerra colonial. Nesse sentido, esclarece:

a tese que defendemos é que a homossexualidade metaforizou a decadência, a tibieza histórica e a desvirilização nacional no concerto das nações que disputavam o domínio imperial e que isto se reflectiu corporeamente nos militares cujo sacrifício era o melhor recurso que tinha a oferecer a um país destituído de meios económicos e técnicos para o seu próprio projecto de exploração colonial (Cascais, 2025b, p. 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCAIS, António Fernando (Org.). **Dissidências e resistências homossexuais no século XX português**. Lisboa: Letra Livre, 2024.

CASCAIS, António Fernando. **Estar Além**: a persona queer de António Variações. Coimbra: Edições 70, 2025.

CASCAIS, António Fernando. **Masculinidades debaixo de fogo**: homossocialidade e homossexualidade na guerra colonial. Lisboa: Documenta, 2025b.

RAO, Rhaul. **Out of Time. The Queer Politics of Poscoloniality**. New York: Oxford University Press, 2020.

Recebido para avaliação em 30/11/24.

Aprovado para publicação em 17/04/2025.

NOTA

Helder Thiago Maia é investigador, com financiamento FCT no âmbito do projeto 2022.00903. CEECIND, do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, onde também leciona. É professor do PPG de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, editor das revistas Periódicus (UFBA) e Via Atlântica (USP) e autor dos livros **Donzelas guerreiras: mulheridade, transgeneridade e guerra** (2024), **Cine(mão): espaços e subjetividades darkroom** (2018) e **O devir darkroom e a literatura hispano-americana** (2014)